

Milagre: o que é?

por Paulo Faitanin – UFF.



milagre

1. Definição: Por milagre – do latim ‘miraculum’ – entende-se o acontecimento incomum e admirável que causa em algo uma alteração súbita que é inexplicável pelas leis da natureza, com indício de participação divina na vida humana [Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, verbete – milagre]. Isso não se distancia do que define o *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2003 que afirma ser o milagre um dom – uma graça – extraordinário que o Espírito Santo concede ao homem para a sua justificação e salvação.

2. Natureza: O milagre é uma graça – em latim ‘gratia’ e em grego ‘charis’ – dada gratuitamente – dom – pela qual se produz um efeito sobrenatural [STh. II-II, q. 178, a.1, c.]. Segundo Tomás de Aquino, o amor de Deus causa a bondade do objeto; ora, o amor de Deus pelo homem causa-lhe a bondade; a graça é justamente o amor de Deus por nós, enquanto causa em nós o que lhe é agradável: o bem [STh. I-II, q. 110, a. 1, c. e ad. 1]. Ora, se toda graça provém do Espírito Santo, o dom do milagre, que é uma graça, igualmente provém d’Ele. O Espírito é, pois, a origem de toda graça.

3. Tipologia: Mas que tipo de graça é o milagre? Segundo Tomás é conveniente dividir a graça em graça que torna agradável a Deus e graça dada gratuitamente. A graça que torna agradável a Deus é a que une o homem a Deus. A graça dada gratuitamente é a que faz com que alguém ajude o outro a chegar a Deus [STh. I-II, q. 111, a.2, c.]. A graça dada gratuitamente serve para instruir os outros sobre as verdades divinas que ultrapassam a razão [STh. I-II, q. 111, a.4, c.]. Contudo, esta graça dada gratuitamente pode ser *operante*, quando a graça opera em nós e somos movidos por ela e Deus é o seu único motor. Neste caso, a operação deve ser atribuída a Deus, por isso denomina-se graça operante. Ela é *cooperante*, quando justamente a operação não é atribuída somente a Deus, senão também à alma [STh. I-II, q. 111, a.2, c.]. Neste aspecto, a graça do milagre pode ser tanto uma graça operante, quando Deus opera por nós o milagre, quanto uma graça cooperante, quando Deus opera conosco o milagre. Ora, como a graça causa cinco efeitos em nós: curar a alma; querer o bem; tornar eficiente para fazer o bem; perseverar no bem e conduzir à glória [STh. q. 111, a.3, c.], o primeiro efeito da graça em nós é *preveniente* e o segundo que se segue deste é *subseqüente*. Isso significa que o milagre é uma graça eficiente, porque produz muitos efeitos correlatos ao

principal. Em qualquer caso, o milagre é uma graça dada gratuitamente por Deus a nós, por cujo efeito sobrenatural o homem é levado a um certo conhecimento sobrenatural das coisas da fé, para que o homem se volte mais prontamente para Deus [STh. II-II, q. 178, a.1, c.].

4. Graça e Natureza: É conhecida a sentença de Agostinho, retomada por Tomás, que afirma que a graça supõe a natureza. Sendo assim, o milagre, que é uma graça extraordinária, não faz na natureza o que seja contraditório a ela, mas o que a natureza, naquela ocasião em que ocorre o milagre, em sua condição e por si mesma, não reúne as possibilidades de fazer sob aquelas circunstâncias. Mas isso não significa dizer que há um limite do poder de Deus, de fazer na natureza o que ela não comporta. Isso Ele pode, se não contradiz a natureza. Deste modo, nenhum milagre, enquanto princípio sobrenatural da graça, contradiz a lei que rege a natureza. Se houvesse contradição, a graça não poderia atuar na natureza. Pode ocorrer, no entanto, que o homem em sua condição limitada de conhecimento, desconheça as razões da natureza, sobre as quais atuem a graça. Isso faz parecer-lhe que o milagre contradiz a natureza. O que ocorre é que o milagre transcende a natureza, mas não na medida em que se lhe opõe, mas enquanto atua segundo a sua ordem, o que pode ser desconhecido para nós. Por isso, o milagre não é a realização do impossível para a natureza, enquanto isso fosse a contradição. Como ensina Tomás: “o impossível que se diz com relação a alguma potência pode ser considerado de dois modos. Um modo por causa do defeito da própria potência, em razão de si mesma, porque de alguma maneira não pode estender-se a aquele efeito, quando um agente natural não pode modificar alguma matéria. Outro modo, a partir de algo extrínseco, quando a potência de algo está impedida ou limitada. Assim, portanto, diz-se que algo é impossível de ser feito de três maneiras: uma maneira, por causa do defeito da potência ativa, seja na modificação da matéria ou qualquer outro motivo; outra maneira por causa de algo que resista ou impeça; terceira maneira por causa disso que se diz que é impossível de ser feito, porque não pode ser término da ação” [De potentia, q.1, a.3, c.]. E conclui o Aquinate, na mesma obra, ao dizer: “Logo, as coisas que são impossíveis para a natureza, conforme a primeira e a segunda maneira, Deus as pode fazer, porque sua potência que é infinita não padece nenhum defeito, nem há matéria que Ele não possa livremente mudá-la; pois ela não pode resistir à sua potência. Ora, o que se diz que é impossível, segundo a terceira maneira, Deus não pode fazê-las, porque Deus é maximamente ato e principalmente ser. Por isso sua ação não pode dirigir-se senão principalmente ao ente e não consequentemente ao não ente. E por isso não pode fazer que a afirmação e a negação simultaneamente sejam

verdades, nem aquelas coisas nas quais se incluía esta impossibilidade. Não se diz que não possa fazer isso por causa do defeito de sua potência, mas por causa do defeito de possibilidade daquilo que carece do caráter do possível; por causa disso alguns preferem dizer que Deus pode fazer algo, mas algo não pode ser feito”. Assim, pois, fica claro que o milagre é o que realiza algum efeito na natureza, que seria impossível de ser realizado pela própria natureza, na medida em que se entende esta impossibilidade não como uma contradição, mas como defeito da própria potência da natureza, em razão de si mesma, porque de alguma maneira não pode estender-se a aquele efeito ou porque a sua potência está impedida ou limitada por algo extrínseco. Por tudo isso, o milagre não contradiz as leis essenciais da natureza, mas se realiza para além das circunstâncias ordinárias em que se aplicam tais leis, porque tais circunstâncias são sempre acidentais; por isso mesmo, o milagre causa um efeito extraordinário e nos dá a impressão, pela maravilha que causa, que é algo inclusive contraditório à lei da natureza. Mas se a graça supõe a natureza, a lei da graça não pode contradizer a lei da natureza. E dada a ignorância humana acerca de alguma lei da natureza, o milagre parecerá ainda mais maravilhoso aos olhos de quem o testemunha. Por isso, nada impede que o milagre siga algumas leis da natureza que conhecemos e, por outras vezes, pareça não seguir, como quando se realiza instantaneamente e não captamos a lei natural que o explique.

5. Conclusão: O milagre é, portanto, uma graça dada gratuitamente pela onipotência divina [STh. II-II, q. 178, a.1, ad. 1], que produz um efeito sobrenatural na natureza, por cujo dom se faz com que alguém - algum santo - ajude o outro pelo testemunho do milagre realizado por Deus, a chegar a Deus [STh. I-II, q. 111, a.2, c.], sejam estes efeitos sinais, prodígios, portentos ou virtudes [STh. II-II, q. 178, a.1, c.], como o milagre da cura, profecia, línguas, ubiquidade, estigmas, levitação, sinais e prodígios astronômicos, expulsão de demônios e ressurreição [STh. II-II, q. 178, a.1, ad. 1 e ad. 4]. A causa e a autoria é a onipotência divina, seu objeto é tudo o que pode ser feito sobrenaturalmente, sua finalidade é a salvação do homem, seus instrumentos são tanto a alma (intenção), como o corpo humano (atos) e tudo o mais que providencie o poder divino. Deus pode inclusive valer-se dos maus para manifestar a sua bondade, como valer-se de homens maus ou demônios, para realizar milagres [Super Evang. S. Ioannis. c. X, lec. 5, n. 1431] . De fato, os anjos, nem os bons e nem os maus, têm o poder para fazê-lo por contra própria, senão só pelo consentimento e poder divinos. Contudo, os demônios, para enganar e afastar os homens de Deus, fazem parecer aos homens serem capazes de realizarem milagres, seja enganando os sentidos dos homens ou



incitando sua imaginação, fazendo parecer fazer algo que na realidade não fazem; fazem inclusive algo que podem fazer, segundo a sua potência, sendo tais sinais verdadeiros, mas não são verdadeiros milagres e nem graça o que fazem e nem a finalidade é converter o homem a Deus [STh. II-II, q. 178, a.2, c.].